

Jorge M. Bergoglio

Sobre a acusação
de si mesmo

AM
EDITORA
AVE-MARIA

Prefácio

A editora Ave-Maria apresenta para o Brasil este pequeno/grande livro de sua Santidade, o Papa Francisco.

O original desse livro foi publicado na Argentina em 2005 pela Editorial Claretiana, ano em que o então arcebispo de Buenos Aires, cardeal Jorge Mario Bergoglio, apresentara o tema na Assembleia arquidiocesana. Bergoglio diz no prólogo que ele já havia compilado o material *Sobre a acusação de si mesmo* anos antes, quando discursara para um grupo de jovens religiosos. Embora pareça muito localizado, o que chama a atenção é a universalidade do conteúdo. Com linguagem simples, o texto extrapola a dimensão temporal e regional, tornando-se um presente para a humanidade de todos os tempos.

Neste livro, o Papa Francisco preocupa-se com o crescente vício de se acusar, apontar e condenar pela língua (como ele mesmo diz, o pecado de *cotillear*, em bom português, fofocar). O Papa propõe como grande penitência e mortificação o acusar-se a si mesmo, ou

seja, o reconhecimento diante de si, dos outros e de Deus das faltas cometidas.

O que norteia a reflexão do Papa é o pensamento de São Doroteu de Gaza, um monge e abade que viveu entre os séculos VI e VII, em cujos escritos faz um convite à humildade. Nesse caso, o ato de acusar-se a si mesmo é a máxima do humilde.

O Papa Francisco não defende a humilhação pela simples humilhação, mas o desejo de sentir-se abraçado pela infinita bondade de Deus, que nos faz olhar o outro com sentimento e atitude fraternal (irmandade): “Quem acusa a si mesmo abre espaço para a misericórdia de Deus; é como o publicano que não ousa levantar seus olhos (cf. Lc 18,13). Quem sabe acusar a si mesmo é um homem que sempre *se aproxima bem* dos outros, como o bom samaritano, e nessa aproximação o próprio Cristo realizará o acesso ao irmão” (p.18).

Pe. Luís Erlin
Editor

Prólogo

Ao começar o caminho da Assembleia arquidiocesana, pedi que nos puséssemos em espírito de oração, que rezássemos muito pela Assembleia e que oferecêssemos, com atitude penitencial, algum sacrifício ao Senhor, alguma mortificação que acompanhasse a oração durante esse tempo. Sugeri que esse sacrifício poderia ser não falar mal uns dos outros. Como tenho consciência de que é difícil, penso que seja uma boa oferenda.

O espírito de unidade eclesial se vê prejudicado pela fofoca. Santo Agostinho descrevia assim essa realidade: “Há homens de juízo temerário, detratores, maldizentes, murmuradores, suspeitos do que não veem, procurando acusar o que nem mesmo suspeitam” (Sermão 47). O falatório nos leva a nos concentrarmos nas faltas e defeitos dos outros; dessa maneira, acreditamos nos sentir melhores. A oração do publicano no Templo ilustra essa realidade (Lc 18,11-12), e Jesus já nos havia advertido sobre ver o cisco no olho do outro, ignorando a trave em nosso próprio.

Falar mal dos outros é um mal para a Igreja toda, pois não fica ali, no mero comentário, passa para a agressão (pelo menos no coração). Santo Agostinho chama o murmurador de “homem sem remédio”: “Os homens sem remédio são aqueles que deixam de cuidar de seus próprios pecados para reparar nos dos outros. Não buscam o que se há de corrigir, e sim o que podem criticar. E, ao não poder escusar a si mesmos, estão sempre dispostos a acusar os outros” (Sermão 19). A esses homens, diz, “só o que resta é a doença da animosidade, doença tanto mais debilitante quanto mais forte se crê” (cf. Sl 32,29). Contra esse mau espírito (falar mal dos outros), a tradição cristã, desde os primeiros Padres do deserto, propõe a prática da acusação de si mesmo.

Há muitos anos, escrevi um artigo sobre o tema da acusação de si mesmo. Embora se dirigisse a jovens religiosos, penso que servirá a todos nós. Eu o ofereço como contribuição à Assembleia. O artigo foi inspirado em alguns escritos de Doroteu de Gaza, que estão no final como complemento.

Que o Senhor nos ajude a progredir na Assembleia arquidiocesana em espírito de oração e oferecendo o sacrifício de não falar mal dos outros.

*Buenos Aires, 16 de julho de 2005, festa de
Nossa Senhora do Carmo.
Jorge Mario Bergoglio, sj.*

A acusação de si mesmo¹

1. A reflexão de Doroteu de Gaza² nos permite abordar o problema da acusação de si mesmo e sua influência na vida espiritual e, de maneira especial, a influência na união dos corações dentro do seio de uma comunidade.

Não é raro encontrar nas comunidades, quer as locais, quer as provinciais, grupos que lutam para impor a hegemonia de seu pensamento e de sua preferência. Isso costuma acontecer quando a caritativa abertura ao próximo é suprida pelas ideias de cada um. Já não se defende o todo da família, e sim a parte que me toca. Já não se adere à unidade que vai configurando o corpo de Cristo, e sim ao conflito que divide, parcializa, debilita. E, para os formadores e superiores, nem sempre é fácil formar nessa pertinência o espírito de família, especialmente quando é preciso formar atitudes interiores, em si pequenas, mas que têm sua repercussão no âmbito do corpo institucional.

1. Publicado no *Boletín de Espiritualidad* da Província Argentina da Companhia de Jesus, nº 87, maio-junho de 1984.

2. Doroteu de Gaza, monge e abade que viveu entre os séculos VI e VII, escreveu diversas instruções voltadas aos monges sobre o "treinamento espiritual". (N.T.)

Uma das atitudes sólidas que se hão de formar no coração dos jovens religiosos é a de acusar a si mesmo, pois na falta disso fundamentam-se os partidarismos e as divisões.

Ao longo deste trabalho, apresentaremos vários textos de Doroteu de Gaza, precedidos por um breve comentário sobre as repercussões da atitude de acusar a si mesmo.

2. E, em primeiro lugar, é conveniente desterrar toda a referência inconsciente a qualquer atitude hipócrita que apresente o ato de acusar a si mesmo como algo pueril ou próprio de pusilânimes.

Acusar a si mesmo implica valentia pouco comum para abrir a porta a coisas desconhecidas e deixar que os outros vejam além de minha aparência. É renunciar à maquiagem, para que se manifeste a verdade.

Na base do acusar a si mesmo (que é um meio) está a opção fundamental pelo anti-individualismo, pelo espírito de família e de Igreja que nos conduz a nos assumirmos como bons filhos e bons irmãos, para mais tarde podermos vir a ser bons pais. Acusar a si mesmo implica uma postura basicamente comunitária.

3. A tentação do individualismo, que, crescendo, nos conduz a parcialidades dentro da vida de comunidade, baseia-se sempre em uma verdade (que pode ser real, ou parcial, ou aparente, ou uma

falácia)³. Costuma ser uma *razão* que justifica e tranquiliza ao mesmo tempo. E essa razão tem raiz no *espírito de suspeita e desconfiança*.

As suposições são como aqueles que pretendem prever o futuro: são nada mais que tentação. Ali Deus não está, porque Ele é Senhor do tempo real, do passado constatável e do presente discernível. Quanto ao futuro, é Senhor da Promessa que pede de nós confiança e abandono.

O espírito de suspeita e desconfiança pretende, no fundo, uma verdade que me assegure contra o irmão: será sempre uma verdade defensiva da participação comunitária, uma verdade que justifique a falta de participação em comunidade.

Na doutrina de Doroteu de Gaza, é o próprio demônio quem semeia a suspeita no coração para dividir. A fenomenologia é inversa à da Encarnação do Verbo: o demônio busca *dividir* (por meio da suspeita) para *confundir* depois; o Senhor, no entanto, apresenta-se sempre Deus e Homem – *indivise et inconfuse*⁴.

3. Nem sempre o demônio tenta com uma mentira. Na base de uma tentação, pode existir uma verdade, mas vivida no mau espírito. Essa é a doutrina do Beato Fabro: “Outro desejo senti na Missa, a saber, que todo bem que eu pudesse fazer, ou pensar, ou ordenar etc. fosse por meio do bom espírito, e não por meio do mau. Daí, vim a pensar como Nosso Senhor não deve ter por bem reformar algumas coisas da Igreja segundo o modo dos hereges; porque eles, assim como também os demônios, em muitas coisas dizem a verdade, não a dizem com o Espírito de verdade, que é o Espírito Santo” (*Memorial*, n. 51; cf. notas 84 e 375 da edição castelhana, Ediciones Diego de Torres, San Miguel, 1983). Aqui se baseia – em grande parte – a estrutura da ideologia. Aparentemente, a ideologia parece ser fruto de uma verdade, de uma opinião; porém – na realidade – é fruto da vontade (na terminologia do Beato Fabro, do mau espírito). Por isso uma ideologia deve ser julgada sempre não por seu conteúdo, mas pelo espírito que a sustenta, que não é necessariamente o Espírito da verdade.

4. Do francês: “indivisível e não confuso”. (N.T.)

Ao semear as suspeitas, o demônio procura convencer com falácias (cf. *Exercícios Espirituais* (EE.) 315, 332 etc.) ou com meias verdades, a fim de resguardar o coração em convicções egoístas que levam a um mundo fechado para toda objetividade (cf. regra 13 para vários discernimentos, da Primeira Semana, EE. 326).

4. A suspeita, semeada pelo demônio, configura uma regra distorcida no coração, que distorce toda a realidade. Não é fácil *generalizar* um religioso tentado pela posse de uma regra distorcida. Já não se trata de tal ou qual ideia, e sim de toda uma hermenêutica: qualquer coisa que aconteça é interpretada de forma distorcida, devido à adesão a essa *regra distorcida*.

Algumas vezes, neste *Boletín de Espiritualidad*⁵, eu me referi ao “fizeram-me sem razão” de Santa Teresa de Jesus (cf. *Caminho de Perfeição* c. 13) que acreditava que a atitude das freiras do Convento da Encarnação, sem atos diários de penitência, eram um exemplo da origem de muitos males na vida religiosa.

O religioso tentado nesse sentido passa a ser, com o tempo, um *coleccionador de injustiças*: vive computando as injustiças que os outros lhe fizeram, ou que pensa que lhe fizeram. Isso o leva, não poucas vezes, a certa *espiritualidade de vítima de um complô*.

5. Do espanhol: “Boletim de Espiritualidade”. Iniciativa para o estudo e reflexão da espiritualidade que teve sua primeira publicação em 1968, na Argentina. (N.T.)

Em sociologia, a teoria do complô, do ponto de vista hermenêutico, é das mais fracas. Não se sustenta com facilidade, nem resiste a uma crítica séria. É uma sedução primária que favorece o tipo de almas que, no fundo, sente falta de esquemas maniqueístas de bom-mau (e costuma se situar no partido dos bons). A falta de contato com uma objetivação real vai amuralhando tais almas em certa ideologia defensiva. Elas trocam a doutrina pela ideologia, a peregrinação paciente dos filhos de Deus pelo vitimismo do complô que os outros (os maus, os poderosos, os superiores, os membros da comunidade) fazem delas. Acabam enroladas em *palavras* que as aprisionam, segundo o dito que diz que as palavras que nascem da mente são um muro e as que nascem do coração são uma ponte (Tomás Spidlik).

Podemos dizer que esses homens têm a inteligência doente. E, ao confundir inteligência com valor intelectual, esquece-se de que o pecado original a afetou. Quantos há – como afirma Daniélou⁶ – que, orgulhosos de seu valor intelectual, esquecem que têm inteligências profundamente feridas, doentes e destruidoras (pois uma inteligência falseada falseia as inteligências que estão a seu redor)? Mas não esqueçamos de que uma inteligência doente mantém sua doença devido a uma paixão que “aprisiona a verdade” (cf. Rm 1,18 ss.).

6. Jean Daniélou foi padre jesuíta e cardeal francês. Ele participou do concílio Vaticano II e deixou para posteridade, estudos em Teologia e Fé. (N.T.)

5. Junto a essa atitude, ganha vigor um *estado de ansiedade* que também é de mau espírito.

Acostumados a suspeitar de tudo, vão desconhecendo, pouco a pouco, a paz própria da confiança no Senhor. A boa solução dos conflitos deve passar, segundo seu sentir, pelo crivo de seu contínuo controle. São constantemente agitados pela ansiedade, que é fruto combinado da ira e da preguiça.

São seguidores de Herodes *alarmado* (cf. Mt 2,3) e dos Sumos Sacerdotes e dos Fariseus, inquietos, que pretendem impor limites à força de Deus com a seladura de um sepulcro (cf. Mt 27,62-66). Solucionam todo temor com a ilusão onipotente de seu próprio controle e não sabem da doçura do Senhor, que relativiza o poder dos inimigos, transformando-os em tições fumegantes: “[...] o coração do rei e o de seu povo ficaram perturbados como as árvores das florestas agitadas pelos ventos. Então, disse o Senhor a Isaías: [...] Tem ânimo, não temas, não vacile o teu coração diante desses dois pedaços de tições fumegantes” (Is 7,2-4).

6. No mecanismo da suspeita – sob a roupagem de um amor à verdade – esconde-se uma refinada busca de prazer. Pretende-se salvaguardar uma vontade por trás das ideias. Esses religiosos são habituais *nimis probantes*⁷, que, com a cascata de argumentos, nada provam senão sua adesão a um prazer sigiloso.

7. Expressão que se refere a prática de “provar” algo com argumentos.

Os desconfiados e suspeitos são estruturalmente ávidos. E sua avidez, inspirada no esquema maniqueísta, move-se no pêndulo em busca de gozos imaginários e de defender-se de temores imaginários. Fechados para a generosidade paciente da objetividade da vida e para a valentia fidalga na defesa de ataques reais, estão convencidos desses gozos e desses temores imaginários que enchem sua alma.

7. A suspeita e a desconfiança conduzem os homens a essa típica amargura de quem já acusa Deus. Doroteu de Gaza o faz notar a propósito do caso de Adão e Eva. E, pouco a pouco, esses religiosos vão se afastando da verdade e se enrolando na mentira. Há também, na base desse alistamento na mentira, uma defasagem da capacidade de condenar. Não sabem condenar bem. Confundem a batalha com o bulício. Não perderam, como ensina Santo Inácio de Loyola nos três colóquios do terceiro exercício da Primeira Semana, a graça de *conhecer para aborrecer* (EE. 62-63). Curiosamente, costumam ser *eticistas* que contrabalanceiam a culpa gerada por suspeitar de todos com a conduta afetada e falsa de não condenar a nada nem a ninguém. Por lhes faltar senso de objetividade, sua fantasia *condena a priori*, sob aparência de suspeita, toda aproximação dos outros a sua vida.

8. A doutrina espiritual da *acusação de si mesmo* ou do *desprezo de si mesmo*, que expõe Doroteu de Gaza, vai ao encontro de todas essas tentações e

procura situar o religioso – difundindo a tradição que recebeu dos Padres – em uma dimensão objetiva perante Deus e os homens. Pelo contínuo exercício da autoacusação, aventa as suspeitas e deixa lugar para a ação de Deus, que é quem, enfim, faz a união dos corações.

Ao *acusar*, o coração do religioso se *abaixa*, e é justamente esse abaixamento interior que dá eficácia aos outros meios naturais e técnicos de entendimento mútuo.

Tal atitude de abaixamento tem seu fundamento teológico no *abaixamento* do Verbo (a *synkatábasis*), que é o que possibilita o acesso a Deus (cf. a teologia da Carta aos Hebreus 2,17; 3,7 ss.; 4,14-16; 9). Portanto, o acesso ao irmão é realizado pelo próprio Cristo, com nosso abaixamento.

Esse é, justamente, o ato de *aproximar-se bem*, próprio do cristão. A maneira de *aproximar-se bem* tem algo de qualitativo, pondo toda aproximação religiosa (filial, fraternal e paternal) em uma dimensão escatológica, que o realiza *de uma vez para sempre*.

Por outro lado, é o próprio Senhor quem nos justifica em nosso *abaixamento*. Os fariseus justificavam a si mesmos (“Como podeis crer, vós que recebestes a glória uns dos outros [...]”, Jo 5,44). O justo só busca a justificação de Deus, e por isso se *abaixa*, acusa-se. Assim como a justificação nos foi dada pela cruz de Cristo, de maneira universal e única, nosso andar pelo caminho do Senhor implica assumir também, analogamente, esse *abaixamento* da Cruz. Acusar a si mesmo é assumir o papel de réu, como assumiu o Senhor carregado por nossas culpas. O homem se sente réu, merecedor. Por

isso Santo Inácio de Loyola é tão cuidadoso ao aconselhar “humilhar-se e abaixar-se” a quem está em consolação (cf. regra 11 para vários discernimentos, *EE*. 324), não seja que o gosto pelo consolo o leve a se erguer com um mérito que não lhe é próprio.

9. Acusar a si mesmo é sempre um ato de humilhação que conduz à humildade. E quando se opta pelo caminho da humilhação, opta-se necessariamente pela luta e pela vitória.

Nas palavras de Máximo, o Confessor, a *synkátaxis* do Verbo é uma isca para o demônio, que a engole e morre: “Deste modo, oferece à voracidade insaciável do dragão infernal a isca de sua carne, excitando sua avidez; isca que, ao mordê-la, tornar-se-ia para ele veneno mortal e causa de sua total ruína pela força da divindade que dentro de si levava oculta; essa mesma força serviria, no entanto, de remédio para a natureza humana, restituindo-a a sua dignidade primitiva” (*Centúria* I, 12). Humilhar-se representa, de alguma maneira, atrair a atenção do diabo, lutar, submeter-se à tentação, mas, por fim, vencer.

Essa atitude – ao contrário da desconfiança que causava ansiedade – desemboca na mansidão e na paciência. As regras da modéstia que Santo Inácio de Loyola escreveu têm seu fundamento em um parágrafo das *Constituições* que descreve esse estado de mansidão: “Todos tenham especial cuidado de guardar com muita diligência as portas de seus sentidos, em especial os olhos e ouvidos e a língua, de toda

desordem; e de se manter na paz e verdadeira humildade de sua alma, e dar disso mostras no silêncio, quando é conveniente guardá-lo, e quando se há de falar, na consideração e edificação de suas palavras, e na modéstia do rosto e maturidade no andar, e em todos os seus movimentos, sem algum *senal de impaciência ou soberba*; em todo procurando e desejando dar vantagem aos outros, *estimando-os em sua alma todos como se lhes fossem superiores*, e exteriormente tendo-lhes o respeito e reverência que sofre o estado de cada um, com simplicidade religiosa; de maneira que considerando uns aos outros, cresçam em devoção e louvem a Deus nosso Senhor, a quem cada um deve procurar reconhecer no outro como em sua imagem” (*Constituições* 250).

Esse texto evoca o capítulo 12 da Carta aos Romanos e tantos outros paulinos que falam dos “frutos do Espírito”. E é justamente por esse caminho do acusar a si mesmo que se chega a essa outra convicção que tinha Santo Inácio de Loyola de si mesmo: o “ser todo impedimento”.

A mansidão cristã se edifica por aqui; transcende o âmbito das regras dos bons modos para alcançar – na mansidão do cordeiro – sua raiz profunda e seu modelo acabado.

Quem acusa a si mesmo abre espaço para a misericórdia de Deus; é como o publicano que não ousa levantar seus olhos (cf. Lc 18,13). Quem sabe acusar a si mesmo é um homem que sempre se *aproximará bem*

dos outros, como o bom samaritano, e, nessa aproximação, o próprio Cristo realizará o acesso ao irmão.

A leitura pausada dos capítulos 2 e 3 do livro *Imitação de Cristo: "Da humilde submissão" e "Do homem bom e pacífico"*, pode ajudar a compreender todas essas coisas.